

**VIDA DE D. QUIXOTE E
SANCHO**

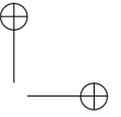


Miguel de Unamuno

Tradutor: António Mega Ferreira

2005

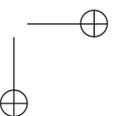
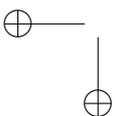
www.lusosofia.net



NOTA

Agradecemos ao editor, Manuel Rosa, da Assírio & Alvim e, por seu intermédio, ao mui competente tradutor e crítico cultural António Mega Ferreira, a amável autorização para apresentarmos aos internautas no electro-sítio LusoSofia estes dois excertos da *Vida de D. Quixote e Sancho* de Miguel de Unamuno, que saiu em Setembro de 2005, na colecção *Testemunhos*, 26. Possam eles servir de incentivo aos leitores de língua portuguesa para aprofundarem o conhecimento do grande escritor espanhol, nesta versão fidedigna, elegante e feita com os imperativos do rigor e da justeza.

Artur Morão
José Maria Silva Rosa





LUSO Sofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Vida de D. Quixote e Sancho*

Autor: Miguel de Unamuno

Tradutor: António Mega Ferreira

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

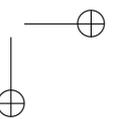
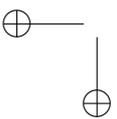
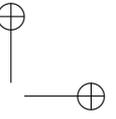
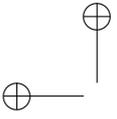
Direcção da Colecção: José Rosa & Artur Morão

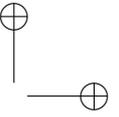
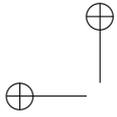
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011



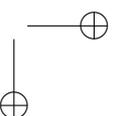
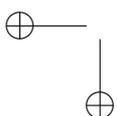


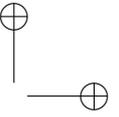
APRESENTAÇÃO

Nos primeiros meses de 1905, ano do terceiro centenário da publicação da primeira parte de *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, editou-se em Madrid esta *Vida de D. Quixote e Sancho*, «explicação e comentário» da obra cervantina, escrita por Miguel de Unamuno em duas «tiradas», no Verão e nas férias de Natal de 1904.

Unamuno tinha então 40 anos e era reitor da Universidade de Salamanca. A sua paixão pela obra de Cervantes vinha de trás: na prática, isto é, sob a forma de escrita, começara dez anos antes, com a publicação de uma série de artigos, nos quais se destacava a sua livre recriação (mítica, como acontece com *D. Quixote*) do livro de Cervantes, «un pobre diablo muy inferior a su obra», como não se cansará de repetir ao longo do texto que o leitor vai ter diante dos olhos.

Na sua incessante busca de uma «clave de nuestro destino», capaz de resgatar a honra dos Espanhóis e redimir a Pátria enxovalhada na brevíssima guerra hispano-americana de 1898, em que a Armada espanhola saíra derrotada e Cuba e as Filipinas se apartaram definitivamente da metrópole espanhola, o tema de *D. Quixote* era crucial: com Calderón, Santa Teresa, Inácio de Loyola, a figura criada por Cervantes constitui um dos pilares sobre que Unamuno assenta a sua inquirição sobre a «filosofia espanhola», que vê como uma encenação do heroísmo e da Fé, na transcendência voluntarista do eu. Ao cristianismo heróico de Unamuno, a loucura pela fé do *Engenhoso Fidalgo* assentava como uma luva.

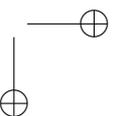
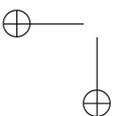




A sua «leitura» da obra de Cervantes é, assim, menos uma «explicação» que um apaixonado comentário e elucubração sobre as façanhas e desventuras do Quixote cervantino: «é uma livre e pessoal exegese do D. Quixote, na qual o autor não pretende descobrir o sentido que Cervantes lhe terá dado, mas o que ele lhe dá, e nem sequer se trata de um erudito estudo histórico» — diz o próprio Unamuno. Mas é também, tanto pelas omissões (algumas das quais vamos assinalando, em nota de rodapé, ao longo da presente tradução), como pelas arrebatadas extrapolações, uma recriação da figura inventada por Cervantes (o livro é «o Novo Testamento de D. Quixote», como disse sugestivamente Teixeira de Pascoaes), erguendo-se das franjas do arquétipo um outro D. Quixote, mais quixotesco ainda — e não menos apaixonante — que o original. Numa observação adequada, Alberto Navarro, cuja cuidada introdução à edição das Ediciones Cátedra (1988) seguimos neste passo, sublinha que, no livro de Unamuno, «ressalta o carácter voluntarista, universal, agressivo e vago da louca fé quixotesca, e os anseios irreprímíveis de imortalidade e de ver ressuscitar um Deus sepultado capaz de no-la garantir».

Tal programa é particularmente visível no texto «O Sepulcro de D. Quixote», publicado em Fevereiro de 1906 (já depois da saída da Vida de D. Quixote e Sancho), no qual, confortado na leitura do seu próprio ensaio, Unamuno explicita, em filigrana, a concepção de base que preside à sua obra. É irresistível a tentação de citar, do próprio texto, a ideia de que «as coisas fizeram-se primeiro, o seu para quê veio depois». O artigo que apareceu em 1906 na revista *La España Moderna* explica o «para quê» da «coisa nova» que era a Vida de D. Quixote e Sancho. Tanto assim que Unamuno o antepôs à sua obra, logo a partir da segunda edição, que saiu em Madrid em 1914. «O Sepulcro de D. Quixote» é, desde então, universalmente reconhecido como a Introdução adoptada por Unamuno a posteriori; e como tal a damos aqui, transcrevendo-a na última versão conhecida do punho de Miguel de Unamuno, a de 1931, data da quinta edição da obra.

Com a advertência de que o livro de Unamuno pressupõe o cotejo

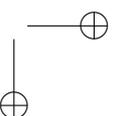
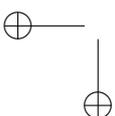




com a obra de Cervantes, cuja leitura de forma nenhuma substitui, e que nele é mais perceptível, tantas vezes, o pensamento de Unamuno do que aquilo que poderíamos imaginar ser o de Cervantes, damos esta tradução, que, no essencial, segue a já citada edição de Alberto Navarro, aqui e além completada, e até, em questões de pormenor, corrigida, pela cuidada e esmerada leitura da edição da Alianza Editorial (1987) prefaciada por Ricardo Gullón. Quando às abundantes citações do texto de Cervantes, optámos pela versão muito conhecida do D. Quixote dada por Aquilino Ribeiro, a qual, embora tantas vezes se afastando do original cervantino (é uma versão, e como tal sempre foi apresentada), tem a vantagem de estabelecer, no seu tom colorido, meridional, quase picaresco, um interessante contraponto com o lirismo arrebatado, constantemente paroxístico, da prosa de Unamuno. Em coerência com essa opção, damos os nomes de personagens e figuras, históricas ou lendárias, referidas no texto tal como Aquilino os escreveu. Aqui e além, em lugares assinalados pelas notas, prescindimos da versão aquiliniana, porque ela prejudicaria a contextualização no raciocínio de Unamuno. Contam-se pelos dedos esses casos, e em nada desmerecem o imenso trabalho de recriação livre a que, quixotesicamente, se entregou Aquilino, seguindo a par e passo e na íntegra o original de Cervantes.

Neste, que considerava o seu livro «mais pessoal», Miguel de Unamuno terça armas por uma visão do mundo e da vida (e do nosso lugar naquele e nesta) que já era residual no seu tempo; por maioria de razão, apetece gritar com ele, sem para quê nem porquê, no mundo ainda mais asfíxiante em que hoje vivemos, cem anos depois da sua Vida, quatrocentos anos depois do D. Quixote.

Maio de 2005
António Mega Ferreira





VIDA DE D. QUIXOTE E SANCHO

[2 excertos]

Miguel de Unamuno

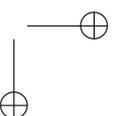
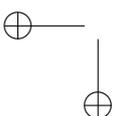
Conteúdo

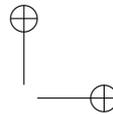
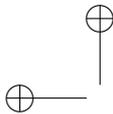
O Sepulcro de D. Quixote	6
Capítulo LXXIV: “De como D. Quixote caiu doente...”	18

O SEPULCRO DE D. QUIXOTE

Perguntas-me meu bom amigo, se conheço a maneira de desencadear um delírio, uma vertigem, uma loucura qualquer, sobre estas pobres multidões ordenadas e tranquilas, que nascem, comem, dormem, se reproduzem e morrem. Não haverá um meio, dizes-me, de reproduzir a epidemia dos flagelantes ou dos convulsionários? E falas-me do milénio.

Tal como tu, também eu sinto, por vezes, a nostalgia da Idade Média; tal como tu, queria ter vivido entre os espasmos do ano mil. Se conseguíssemos fazer crer que num dado dia, digamos, 2 de Maio de 1908, o dia do centenário do grito de independência, se acabava para sempre a Espanha, que nesse dia nos haviam de repartir como carneiros, o dia 3 de Maio de 1908 seria o maior da nossa história, o amanhecer de uma nova vida.





Isto é uma miséria, uma miséria absoluta. A ninguém importa nada de nada. E quando alguém tenta agitar isoladamente este ou aquele problema, uma ou outra questão, atribuem-no ou a negociata ou a afã de notoriedade e ânsia de singularidade.

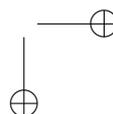
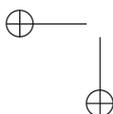
Aqui já nem sequer se compreende a loucura. Até do louco se diz que o é por interesse e calculismo. Para todos estes miseráveis, é um facto que há uma razão na falta de razão. Se o nosso senhor D. Quixote ressuscitasse e regressasse a esta sua Espanha, tentariam encontrar uma segunda intenção nos seus nobres desvarios. Se alguém denuncia um abuso, persegue a injustiça, fustiga a hipocrisia, logo os escravos perguntam: mas o que é que ele quer com isso? Qual é o seu objectivo? Umhas vezes crêem e dizem que tudo é para que lhes tapem a boca com ouro; outras, que é por ruins sentimentos e baixas paixões de vingança ou inveja; outras ainda, que é só para fazer alarido e para que dele se fale, por vanglória; outras ainda, que o faz para se divertir e passar o tempo, por desporto. Pena que não haja mais a praticarem tais desportos!

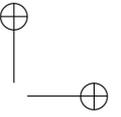
Pára e observa. Diante de um qualquer acto de generosidade, de heroísmo, de loucura, a todos estes estúpidos bacharéis, curas e barbeiros de hoje a única coisa que ocorre perguntar é: o que o leva a fazer isto? E quando acreditam ter descoberto a razão do acto — seja ou não a que eles supõem — dizem: ora!, fê-lo por isto ou por aquilo. Assim que uma coisa adquire razão de ser e a conhecem, perde valor para eles. Para isso lhes serve a lógica, a imunda lógica.

Compreender é perdoar, está dito. E esses miseráveis precisam de compreender para perdoar a humilhação que lhes é feita, o facto de que com actos ou palavras se lhes deite em cara a sua miséria, sem lhes falar dela.

Já chegaram a perguntar-se estupidamente para que fez Deus o mundo, e responderam a si próprios: para a sua glória! E ficaram tão inchados e satisfeitos, os patetas, como se soubessem o que é a glória de Deus.

As coisas fizeram-se primeiro, o seu para quê veio depois. Dêem-





me uma ideia nova, qualquer que ela seja, sobre o que quer que seja, e ela me dirá para que serve.

Às vezes, quando exponho um projecto, alguma coisa que me parece dever ser feito, surge logo a pergunta: e depois? A estas perguntas não cabe outra resposta que uma nova pergunta; e ao «e depois?» apenas cabe replicar com um «e antes?».

Não há futuro; nunca há futuro. Isso a que chamam futuro é uma das mentiras maiores. O verdadeiro futuro é hoje. Que será de nós amanhã? Não há amanhã! Que fazer de nós hoje, agora? Esta é a única questão.

E, no que se refere a hoje, todos esses miseráveis estão muito satisfeitos porque hoje existem, e isso lhes basta. A existência, a pura e nua existência, enche-lhes a alma toda. Não sentem que possa haver mais alguma coisa além do existir.

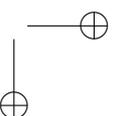
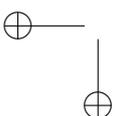
Mas, existem mesmo? Existem de verdade? Eu creio que não; pois se existissem, se existissem de verdade, sofreriam por existir e não estariam tão satisfeitos como estão. Se real e verdadeiramente existissem, no tempo e no espaço, sofreriam por não ser no eterno e no infinito. E esse sofrimento, esta paixão, que não é mais que a paixão de Deus em nós, a nossa temporalidade, este divino sofrimento, faria com que cortassem com todos esses encadeados lógicos com que tentam atar as suas delidas recordações às suas débeis esperanças, a ilusão do seu passado à ilusão do seu futuro.

Por que razão faz isso? Alguma vez terá Sancho perguntado por que razão D. Quixote fazia as coisas que fazia?

E volta ao princípio, à tua pergunta, à tua preocupação: que loucura colectiva poderíamos instilar nestas pobres multidões? Que delírio?

Tu próprio te aproximaste da solução, numa dessas cartas com que me assaltas com perguntas. Nela dizias-me: não achas que se poderia tentar uma nova cruzada?

Pois bem, acho que sim: acho que se pode tentar a santa cruzada de ir resgatar o sepulcro de D. Quixote das mãos dos bacharéis, curas, barbeiros, duques e eclesiásticos, que o têm ocupado. Creio que se





pode desencadear a santa cruzada de ir resgatar o sepulcro do Cavaleiro da Loucura do poder dos fidalgos da Razão.

Defenderão, como é natural, a sua usurpação, e tratarão de provar, com muitas e laboriosas razões, que a guarda e custódia do sepulcro lhes compete exclusivamente. Guardam-no para que o Cavaleiro não ressuscite.

A este arrazoado há que responder com insultos, com pedradas, com um clamor apaixonado, com golpes de cutelo. Não cabe discutir com eles. Se tentares argumentar contra os argumentos deles, estás perdido.

Se te perguntam, como é costume, com que direito reclamas o sepulcro, não lhes respondas, que mais tarde hão-de perceber. Mais tarde... talvez quando nem tu nem eles existirem já, pelo menos neste mundo de aparências.

[...]¹

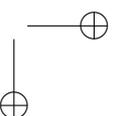
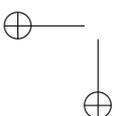
Porque no mesmo lugar em que está o sepulcro, está também o berço, ali está o ninho. E dali voltará a surgir a estrela refulgente e sonora, a caminho do céu.

E não me perguntes mais, querido amigo. Quando me pões a falar destas coisas, fazes com que vá buscar ao fundo da minha alma, ferida pela vulgaridade ambiente que me persegue e acossa, ferida pelos salpicos da lama da mentira em que nos atascamos, ferida pelas arranhadelas da cobardia que nos envolve, fazes com que vá buscar ao fundo da minha alma ferida as visões sem razão, os conceitos sem lógica, as coisas que nem eu sei o que querem dizer, nem estou disposto a averiguar.

Que queres dizer com isso? — perguntas-me, mais de uma vez. E eu respondo-te: — Acaso o sei?

Não, meu bom amigo, não! Muitas das ocorrências do meu espírito

¹ Na terceira edição da *Vida de D. Quixote e Sancho*, dada à estampa em 1928, Miguel de Unamuno suprimiu cinco parágrafos, que, no entanto, Manuel García Blanco resgatou, para a sua edição das *Obras Completas*, publicada em 1966. Não os damos aqui, por pensarmos que já não correspondiam à configuração final do texto, que Unamuno convertera entretanto em prólogo definitivo da obra. (N. do T.)





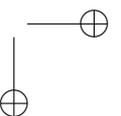
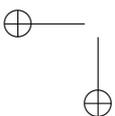
que te confio nem eu sei o que elas querem dizer, ou, pelo menos, sou eu quem não o sabe. Há alguém dentro de mim que mas dita, que mas diz. Obedeço-lhe e não me aventuro a ver-lhe a cara ou a perguntar-lhe o nome. Só sei que, se lhe visse a cara e se me dissesse o seu nome, eu morreria para que ele vivesse.

Tenho vergonha de ter inventado entes de ficção, personagens romanescos, para pôr nos seus lábios o que não me atrevia a pôr nos meus e fazer-lhes dizer, em registo paródico, o que eu sinto muito seriamente.

Tu conheces-me, e sabes bem quão longe estou de rebuscar paradoxos, extravagâncias e singularidades, pensem o que pensarem disto alguns tolos que por aí andam. Tu e eu, meu bom amigo, meu único amigo absoluto, temos falado muitas vezes a sós sobre a loucura, e até comentámos o Brand ibseniano, filho de Kierkegaard, que nos diz que enlouquece o que fica sozinho. E concordámos que qualquer loucura deixa de o ser quando se torna colectiva, quando é loucura de todo um povo, talvez mesmo, de todo o género humano. Quando uma alucinação passa a ser colectiva, torna-se popular, faz-se social, algo que já está fora de cada um dos que a partilham. E tu e eu estamos de acordo em que faz falta levar às multidões, levar ao povo, levar ao nosso povo espanhol, uma qualquer loucura, a loucura de um qualquer dos seus membros que esteja louco, mas louco de verdade, não louco a fingir. Louco, não apenas tonto.

Tu e eu, meu bom amigo, escandalizámo-nos com aquilo a que por aqui se chama fanatismo, e que, para nossa desgraça, não o é. Não, não é fanatismo tudo o que esteja regulamentado e contido e enquadrado e dirigido por bacharéis, curas, barbeiros, eclesiásticos e duques; não é fanatismo tudo o que venha inscrito num estandarte com fórmulas lógicas, tudo o que tenha programa, tudo o que anuncie um propósito futuro capaz de se conter no discurso metódico de um orador.

Uma vez, lembras-te?, vimos um grupo de oito ou dez rapazes reunir-se em torno de um deles, que proclamava: Vamos fazer um disparate! E isso é aquilo por que eu e tu suspiramos: que o povo se junte e aos gritos de «vamos fazer um disparate!» se ponha em marcha. E se al-





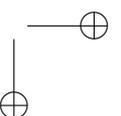
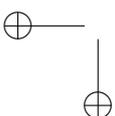
gum bacharel, se algum barbeiro, se algum cura, se algum eclesiástico ou algum duque os detivesse para dizer-lhes: «Meus filhos! Está bem, vejo-vos cheios de heroísmo, cheios de uma santa indignação; também eu vou convosco; mas antes de irmos todos, e eu convosco, fazer um disparate, não vos parece que nos devíamos pôr de acordo sobre o disparate que vamos fazer? Que disparate vamos fazer?»; se algum desses malandrins que enumerei os detivesse para dizer tal coisa, deveriam derrubá-lo imediatamente e passar todos por cima dele, espezinhando-o, e aí começava o heróico disparate.

Não crês, meu amigo, que há por aí muitas almas solitárias às quais o coração pede um qualquer disparate, algo que as faça rebentar? Vê lá se consegues formar com elas um esquadrão para nos pormos todos em marcha — porque eu hei-de ir com eles logo atrás de ti — para ir resgatar o sepulcro de D. Quixote, que, graças a Deus, não sabemos onde está. Isso nos há-de dizer a estrela refulgente e sonora.

E não pode acontecer — dizes-me tu nas tuas horas de desalento, quando te alheias de ti — que, crendo nós, ao metermo-nos ao caminho, que seguimos por campos e terras, afinal, estejamos a dar voltas ao ponto de partida? Se assim for, a estrela estará fixa, quieta sobre as nossas cabeças e o sepulcro dentro de nós. Se assim for, a estrela há-de cair, mas cairá para vir enterrar-se nas nossas almas. E as nossas almas hão-de converter-se em luz, e fundidas todas na estrela refulgente e sonora, há-de esta subir, ainda mais refulgente, convertida num sol, num sol de eterna melodia, a iluminar o céu da pátria redimida.

Em marcha, pois. E toma cuidado, não vão intrometer-se, no esquadrão dos cruzados, os bacharéis, curas, barbeiros, eclesiásticos e duques disfarçados de Sanchos. Não importa que te peçam ínsulas; o que deves fazer é expulsá-los quando te pedirem o itinerário da marcha, quando te falarem do programa, quando te perguntarem ao ouvido, maliciosamente, qual o lugar onde fica o sepulcro. Segue a estrela. E faz como o Cavaleiro: endireita o que estiver torto e que te saia ao caminho. Cada coisa a seu tempo, cada coisa no seu lugar.

Ponde-vos em marcha! Para onde ides? A estrela vos dirá: para





o sepulcro! Que vamos nós fazer no caminho, enquanto formos caminhando? O quê? Lutar! Lutar! E como?

Como? Dais de cara com um que mente? É gritar-lhe na cara: mentira! E adiante! Tropeçais num que rouba? É gritar-lhe: ladrão! E adiante! Encontrais um que só diz tontices, mas que toda a gente ouve, embasbacada? É gritar-lhes: estúpidos! E adiante! Sempre para diante!

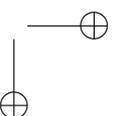
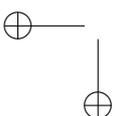
E com isso — diz-me um que tu conheces e que anseia por ser cruzado — conseguiremos apagar a mentira do mundo, e o latrocínio, e a tontice? Quem vos disse que não? A mais miserável de todas as misérias, a mais repugnante e pestífera argúcia da cobardia é dizer que de nada adianta denunciar um ladrão, porque há outros que continuarão a roubar, que de nada adianta em chamar tolo ao tolo na cara dele, porque isso não faz diminuir a tolice que há no mundo.

Sim, é preciso repeti-lo mil vezes: se uma vez, uma só vez, conseguisses acabar definitivamente com um único embusteiro, era como se o embuste tivesse acabado de uma vez para sempre.

Em marcha, pois! E expulsa do esquadrão sagrado todos os que comecem a ensaiar o passo em que ele há-de mover-se, o seu compasso e o seu ritmo. Acima de tudo, fora com os que a toda a hora andam às voltas com os problemas do ritmo! Acabariam por transformar-te o esquadrão numa quadrilha de baile, e a marcha em dança. Fora com eles! Que vão pregar para outra freguesia.

Os que gostariam de transformar o esquadrão em quadrilha de baile chamam-se a si mesmos, e uns aos outros, poetas. Não são tal. Serão outra coisa qualquer. Vão ao sepulcro por curiosidade, para ver como é, talvez em busca de sensações novas, e para se irem divertindo pelo caminho. Fora com eles!

Porque esses são os que, com a sua indulgência de boémios, ajudam a manter a cobardia e a mentira e todas as misérias que nos aniquilam. Quando pregam a liberdade, estão a pensar numa única coisa: em poderem dispor da mulher do próximo. Tudo neles é sensualidade, e até das ideias, das grandes ideias, se enamoram sensualmente. São incapazes





de casar-se com uma grande e pura ideia e constituir família com ela; limitam-se a ir para a cama com as ideias. Tomam-nas por amantes, talvez nem isso, apenas companheiras de uma noite. Fora com eles!

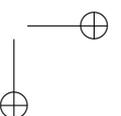
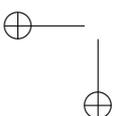
Se alguém quiser colher, em caminho, uma florzita que à sua beira sorri, que o faça, mas de passagem, sem se deter, seguindo sempre o esquadrão cujo alferes não deve afastar o olhar da estrela refulgente e sonora. E se puser a florzita na couraça, não para ele a ver, mas para que vejam que a colheu, fora com ele!, que vá com a sua flor na lapela dançar para outro lugar.

Olha, amigo, se queres cumprir a tua missão e servir a tua pátria, é preciso que te tornes odioso aos rapazes sensíveis que só vêem o universo pelos olhos da noiva. Ou pior ainda. É preciso que as tuas palavras sejam estridentes e agressivas aos seus ouvidos.

O esquadrão só deve deter-se de noite, junto ao bosque ou ao abrigo da montanha. Ali deverá erguer as suas tendas, os cruzados hão-de lavar os pés, comerão o que as mulheres lhes tiverem preparado, ali lhes engendrarão um filho, hão-de dar-lhes um beijo e deitar-se a dormir, para recomeçar a marcha no dia seguinte. E quando algum deles morrer, devem deixá-lo à beira do caminho, amortalhado na sua armadura, à mercê dos corvos. Que fique para os mortos o encargo de enterrar os seus mortos.

Se algum deles tentar, durante a marcha, tocar pífaro ou dulciana, flauta ou viola, ou o que for, parte-lhe o instrumento e fá-lo sair do alinhamento, porque impede os restantes de ouvir o canto da estrela. E além disso, ele não a ouve. E quem não ouvir o canto do céu não deve ir em busca do sepulcro do Cavaleiro.

Esses bailarinos hão-de falar-te de poesia. Não lhes faças caso. O que se põe a tocar a sua seringa — que outra coisa não é a seringa ou flauta de Pã — debaixo do céu, sem ouvir a música das esferas, não merece ser ouvido. Não conhece a abismática poesia do fanatismo, não conhece a imensa poesia dos templos vazios, sem luzes, sem dourados, sem imagens, sem pompas, sem armas, sem nada disso a que chamam arte. Quatro paredes lisas e um tecto de madeira: um casebre qualquer.





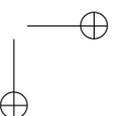
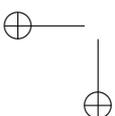
Expulsa do esquadrão todos os bailarinos da seringa. Expulsa-os antes que eles se vendam por um prato de lentilhas. São filósofos cínicos, indulgentes, bons rapazes, daqueles que tudo compreendem e tudo perdoam. E o que tudo compreende não compreende nada, e o que tudo perdoa não perdoa nada. Não têm escrúpulos em vender-se. Como vivem em dois mundos, podem guardar a sua liberdade no outro, enquanto se escravizam à vontade neste. São, ao mesmo tempo, estetas e preguiçosos, fiéis a este e ao outro.

Há algum tempo já disse-se que o homem e o amor são os dois pilares da vida humana. Da baixa vida humana, da vida terrena, talvez. Os bailarinos só dançam por fome ou por amor; fome de carne, amor de carne também. Expulsa-os do teu esquadrão, e que além, num qualquer prado, se fartem de dançar enquanto um toca seringa, outro bate as palmas e outro canta loas a um prato de lentilhas ou às coxas da sua amada de ocasião. E deixa-os inventar novas piruetas, novas trocas de pés, novas figuras de contradança.

E se alguém te vier dizer que sabe muito bem armar pontes e que talvez chegue a ocasião em que os seus conhecimentos devam ser aproveitados para passar um rio, fora, fora com ele! Fora com o engenheiro! Os rios passam-se a vau, ou a nado, ainda que se afogue meio esquadrão de cruzados. O engenheiro que vá fazer pontes para outro lado, onde fazem mais falta. Para ir à procura do sepulcro, basta a fé como ponte.

Se quiseres, meu bom amigo, cumprir devidamente a tua vocação, desconfia da arte, desconfia da ciência, pelo menos disso a que chamam arte e ciência e que não passa de arremedos mesquinhos da arte e da ciência verdadeiras. Basta-te com a tua fé. A tua fé será a tua arte, a tua fé será a tua ciência.

Mais de uma vez tenho duvidado de que possas vir a cumprir a tua obra, ao notar o cuidado que pões em escrever as cartas que escreves. Há nelas, não poucas vezes, rasuras, emendas, correcções e borrões. Não é um jorro que brota violento, expulsando a rolha. Em mais de uma oportunidade, as tuas cartas degeneram em literatura, nessa imunda literatura, aliada natural de todas as escravidões e de todas as misérias.





Os escravizadores sabem bem que, enquanto estiver a cantar à liberdade, acomoda-se o escravo na sua escravidão e nem sequer pensa em romper as cadeias.

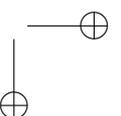
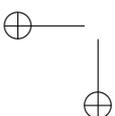
Mas, outras vezes, recupero a fé e a esperança em ti, quando sinto, por baixo das tuas palavras atropeladas, improvisadas, cacofónicas, o tremor da tua voz dominada pela febre. Há ocasiões em que pode dizer-se que estão vazadas numa linguagem muito especial. Que cada um as saiba traduzir para a sua própria linguagem.

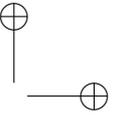
Procura viver em contínua vertigem passional, dominado por uma paixão qualquer. Só os apaixonados levam a cabo obras verdadeiramente duradouras e fecundas. Quando ouvires dizer de alguém que é impecável, em qualquer dos sentidos desta estúpida palavra, foge dele; e ainda mais se for artista. Assim como o homem mais tonto é aquele que em toda a sua vida nunca disse ou fez uma tontice, também o artista menos poeta, o mais anti-poético — entre os artistas abundam as naturezas anti-poéticas — é o artista impecável, o artista a quem os bailarinos da seringa condecoram com a coroa de louros, em cartolina, da impecabilidade.

Consome-te, meu pobre amigo, uma febre incessante, uma sede de oceanos insondáveis e sem margens, uma fome de universos, e a nostalgia da eternidade. Sofres do juízo. E não sabes o que queres. E agora, agora queres ir ao sepulcro do Cavaleiro das Loucuras para ali te desfazeres em lágrimas, consumires-te em febre, morrer de sede dos oceanos, de fome de universos, de nostalgia da eternidade.

Põe-te em marcha, sozinho. Todos os outros solitários hão-de ir a teu lado, ainda que não os vejas. Cada um pensará que vai sozinho, mas todos hão-de formar um batalhão sagrado: o batalhão da santa e interminável cruzada.

Tu não sabes bem, meu bom amigo, como os solitários, sem se conhecerem, sem se olharem nos olhos, sem saberem os nomes uns dos outros, se dão as mãos e felicitam mutuamente, se bombardeiam e denigrem, e conspiram entre si, cada um deles seguindo o seu próprio caminho. E fogem do sepulcro.





Só que tu não pertences à capelinha deles, mas ao batalhão dos cruzados livres. Por que razão hás-de assomar às janelas dessa capelinha para ouvir o que lá dentro se cacareja? Não, amigo, não! Quando passares junto de um desses ajuntamentos, tapa os ouvidos, lança a tua palavra e segue a caminho do sepulcro. E que nessa palavra vibrem toda a tua sede, toda a tua fome, toda a tua nostalgia, todo o teu amor.

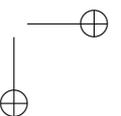
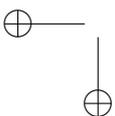
Se queres viver deles, vive para eles. Mas então, meu pobre amigo, estarás morto.

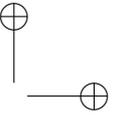
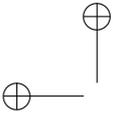
Lembro-me daquela dolorosa carta que me escreveste, quando estavas prestes a sucumbir, a submeteres-te, a entrar na confraria. Vi nessa altura como te pesava a solidão, essa solidão que deve ser o teu consolo e a tua defesa.

Chegaste então ao ponto mais terrível, ao ponto mais desolador; chegaste até à borda do precipício da tua perdição: chegaste a duvidar da tua solidão, chegaste a acreditar que tinhas companhia. «Não será — dizias-me — uma mera conjectura, um fruto da soberba, de petulância, talvez mesmo de loucura, esta ideia de que estou só? Porque eu, quando me acalmo, vejo-me acompanhado, e recebo apertos de mão cordiais, gritos de estímulo, palavras de simpatia, toda a espécie de sinais de que não estou só, longe disso». E por aí fora. E vi-te então enganado e perdido, a fugir do sepulcro.

Não, não te enganas nos teus acessos de febre, nas agonias da tua sede, nas angústias da tua fome; estás só, eternamente só. Não são só mordidelas as que sentes como tal; são-no também as que te parecem beijos. Assobiam-te os que te aplaudem, querem deter-te na tua marcha para o sepulcro os que te incitam. Tapa os ouvidos. E, acima de tudo, cura-te dessa doença terrível que, por muito que a sacudas, sempre te regressa com teimosia de mosca: cura-te da doença de te preocupares com a forma como os outros te vêem. Preocupa-te só com a forma como apareces perante Deus, preocupa-te apenas com a ideia que Deus tem de ti.

Estás só, muito mais só do que imaginas, e apesar disso, estás ainda e apenas a caminho da absoluta, completa, verdadeira solidão. A ab-

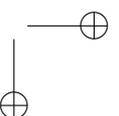
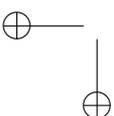


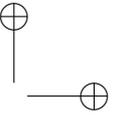


soluta, completa, verdadeira solidão consiste em não se estar acompanhado nem por si mesmo. E não estarás verdadeira e completamente só enquanto não te despojares de ti próprio, à beira do sepulcro. Solidão! Solidão!

Tudo isto eu disse ao meu amigo e ele respondeu-me numa longa carta, cheia de um furioso desalento, com as seguintes palavras:

«Tudo o que me dizes está certo, está bem, não está mal; mas não te parece que, em vez de irmos à procura do sepulcro de D. Quixote, para resgatá-lo dos bacharéis, curas, barbeiros, eclesiásticos e duques, devíamos ir em busca do sepulcro de Deus, para resgatá-lo dos crentes e dos incrédulos, dos ateus e dos teístas, que o ocupam, e esperar ali, soltando gritos de supremo desespero, derretendo o coração em lágrimas, que Deus ressuscite e nos salve do nada?»





CAPÍTULO LXXIV

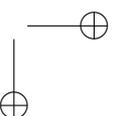
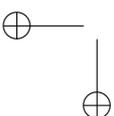
De como D. Quixote caiu doente, do testamento que fez, e da sua morte

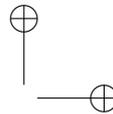
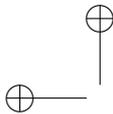
Deu sua alma a quem lha deu
(o qual ao céu a levante
em sua glória),
que sua vida perdeu,
mas dá consolo constante
sua memória.²

(Final das *Coplas que Jorge Manrique compôs
à morte de seu pai, Rodrigo Manrique, Grão-Mestre de
Santiago*)

Chegamos ao cabo, leitor, ao remate desta lastimável história; à coroação da vida de D. Quixote, ou seja, à sua morte. Pois toda a vida se coroa e completa na morte e há que olhar para a vida à luz da morte. E é tanto assim, que aquela antiga máxima que diz «Tal vida tal morte» — *sicut vita finis ita* — deverá ser mudada para «conforme a morte assim a vida». Uma morte boa e gloriosa redime e glorifica a vida inteira, por má e infame que esta tenha sido, e uma morte má ensombra uma vida, por melhor que pareça. Na morte se revela o mistério da vida, o seu

² Tradução de José Bento, *Antologia da Poesia Espanhola das Origens ao Século XIX*, Assírio & Alvim, 2001. (N. do T.)



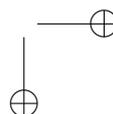
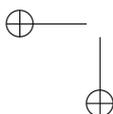


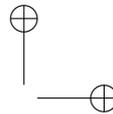
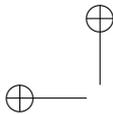
fundo secreto. Na morte de D. Quixote revelou-se o mistério da sua vida quixotesca.

Seis dias esteve acamado com febre, desenganou-o o médico, ficou sozinho e dormiu mais de seis horas de seguida: ao fim desse tempo, «despertou e deu um grande grito: — Louvado seja Deus Nosso Senhor que tão bem me fez! As suas misericórdias não têm limites e não as apoucam nem empecem os pecados dos homens.» Piedosíssimas palavras! Perguntou-lhe a sobrinha o que tinha e ele respondeu: «As misericórdias, sobrinha, são as que nesta mesma hora Deus usou comigo, às quais, como acabo de dizer, não as empecem os meus pecados. Já tenho o juízo livre e claro sem as sombras caliginosas da vezânia, com que o ofuscou a deletéria e exaustiva leitura dos livros de Cavalaria. Já conheço suas patranhas e disparates e só me pesa que o desengano tenha chegado tão tarde que me não dá tempo a compensar o meu erro lendo outros que sirvam de luz à alma. Sinto-me, sobrinha, às portas da morte. Queria morrer de modo que se ficasse sabendo que a minha cabeça não foi sempre tão má que deixasse nomeada de louco. Embora, sim, o tenha sido, não queria que se confirmasse esta verdade na minha morte.»

Pobre D. Quixote! À beira de morrer, e à luz da morte, confessa e declara que a sua vida foi afinal sonho de loucura. A vida é sonho! Tal é, na resolução última, a verdade a que com a sua morte chega D. Quixote, e nela se encontra com o seu irmão Segismundo.

Lamenta ainda não poder ler outros livros que lhe fossem luz da alma. Livros? Mas será que não estás ainda, nobre fidalgo, desengano dos livros? Foram livros que te levaram a ser cavaleiro andante, eram livros que te inclinavam a tornares-te pastor; e se esses livros que tens por luz da tua alma te conduzissem a outras, ainda que novas, cavalarias? É ocasião para recordar aqui, uma vez mais, Inácio de Loyola, o qual, deitado numa cama, ferido, em Pamplona, pedia que lhe levassem romances de cavalaria para com eles matar o tempo, e tendo-lhe sido dada a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e o *Flos Sanctorum*, não



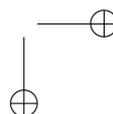
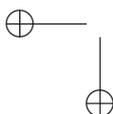


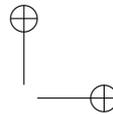
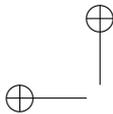
terão sido esses livros que o levaram a fazer-se cavaleiro andante do divino?

Mandou D. Quixote chamar os seus bons amigos, o cura, o bacharel Sansão Carrasco, e mestre Nicolau o barbeiro, e pediu para se confessar e fazer testamento. Assim que viu entrar os três, disse: «Dai-me alvissaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas Alonso Quixano, a quem pelos meus costumes deram a alcunha de o Bom». Poucos dias antes, falando com D. Álvaro de Tarfe, tendo-lhe este chamado bom, respondeu: «não sei se sou bom, mas sei dizer que não sou mau», talvez recordando aquela passagem do Evangelho: «Porque me interrogas sobre o que é bom. Bom é um só: Deus.» (*Matheus*, XIX, 17). E agora, prestes a morrer e iluminado pela luz da morte, diz que os seus costumes lhe deram o renome de Bom. Renome! Renome! E como custa arrancar a raiz da loucura da tua vida! Renome de bom! Renome de bom! Renome!

Continuou a dissertar piedosamente, renegou o Amadis de Gaula e a «caterva infinita da sua linhagem», e ao ouvi-lo pensaram os três que «alguma nova loucura se houvesse apoderado dele». E assim era, de facto, porque dele se tinha apoderado a última loucura, a que cura, a da morte. A vida é sonho, decerto, mas diz-nos, tu, desventurado D. Quixote, que despertaste do sonho da loucura para morrer abominando-a, diz-nos: não é sonho também a morte? Ah, e se a morte fosse sono eterno e sono sem sonhos e sem despertar, então, querido Cavaleiro, será que valeria mais a sensatez da tua morte do que a loucura da tua vida? Se a morte é sonho, meu D. Quixote, por que razão hão-de os moinhos ser gigantes, e os carneiros exércitos, e rude lavradora Dulcineia, e embusteiros os homens? Se a morte é sonho, porque loucura, loucura e só loucura foi o teu anseio de imortalidade!

E se foi sonho e vaidade a tua loucura, que outra coisa senão sonho e loucura é o heroísmo humano, o esforço em prol do bem e do próximo, a ajuda aos necessitados e a guerra aos opressores? Se foi sonho e vaidade a tua loucura de não queres morrer, então só têm razão neste mundo os bacharéis Carrasco, os Duques, os Antónios Morenos,





e quantos embusteiros, enfim, fazem da valentia e da bondade passatempo e motivo de desfrute para os seus tempos de ócio. Se foi sonho e vaidade a tua ânsia de vida eterna, toda a verdade se encerra naqueles versos da Odisseia:

Foram os deuses os responsáveis:
fiaram a destruição para os homens,
Para que também os vindouros tivessem
tema para os seus cantos.³ (VIII, 579-580)

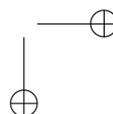
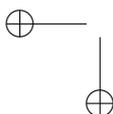
E podemos então dizer como Segismundo, teu irmão, que «o delito maior do homem é ter nascido». Mais nos valia, se assim fosse, não ter visto a luz do sol nem ter enchido o peito com o ar da vida.

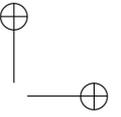
Que foi que te arrastou, meu D. Quixote, para a tua loucura de renome e fama e para a tua ânsia de sobreviver com glória na memória dos homens, senão a tua ânsia de não morrer, o teu anseio de imortalidade, essa herança que recebemos dos nossos pais, «apetite de divindade e loucura e frenesim de querermos ser mais do que somos», para servir-me das palavras do Padre Alonso Rodriguez, teu contemporâneo? (*Ejercicio de perfección y virtudes cristianas*, tratado oitavo, Capítulo XV) Não é o terror de ter que chegar a ser nada o que nos leva a querer ser tudo, como único remédio para nos evitar cair no pavor da aniquilação?

Mas aí está Sancho, no auge da sua fé, ao qual chegou após tantos tombos, desvios e tropeções, e Sancho, ao ouvi-lo assim desenganado, disse-lhe: «Então agora que temos notícia de que a senhora Dulcineia está desencantada, é que nos sai com essa? Nesta altura, em que estamos a pique de ser pastores, passar a vida cantando, regalados como príncipes, é que Vossa Mercê quer fazer-se ermitão? Homem, não diga mais, caia em si e deixe-se de contos.»⁴ Notáveis palavras! «Caia em

³ Tradução de Frederico Lourenço, *Odisseia*, Livros Cotovia, 2003, p. 144 (N. do T.)

⁴ Esta fala é erradamente atribuída por Unamuno a Sancho; de facto, no original de Cervantes, trata-se duma intervenção do bacharel Sansão Carrasco. No Prólogo



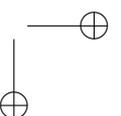
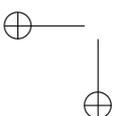


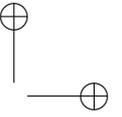
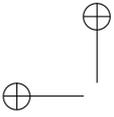
si e deixe-se de contos»! Mas, aí, amigo Sancho, o teu amo já não pode cair em si, antes há-de cair na terra que a todos nos dá a luz e a todos nos recolhe em sombras. Pobre Sancho, vais ficar sozinho com a tua fé, com a fé que te deu teu amo!

Deixe-se de contos! «Todos esses que até aqui têm sido verdadeiros só em meu desabono — responde D. Quixote — espero que a morte os converta, com a ajuda de Deus em meu benefício». Sim, meu D. Quixote, esses contos são o teu benefício. A tua morte foi ainda mais heróica que a tua vida, porque quando ela chegou cumpriste a maior renúncia, a renúncia à tua glória, a renúncia à tua obra. A tua morte foi um sacrifício supremo. No auge da tua paixão, carregado de enganos, renuncias, não a ti mesmo, mas a algo maior que tu: a tua obra. E a glória acolhe-te para sempre.

«O cura mandou sair toda a gente e, ficando a sós com ele, confessou-o.» Acabada a confissão, saiu o cura dizendo: «Verdadeiramente lhes digo: Alonso Quixano o Bom está no juízo todo. Entremos que quer fazer o testamento...» Desataram a chorar Sancho, a governanta e a sobrinha, porque, na verdade, «sempre este homem, em todo o tempo que se chamou simplesmente Alonso Quixano e depois D. Quixote de la Mancha, foi de aprazível condição e ameno trato, e por isso era tão estimado não só da gente da casa como de quantos o conheciam». Foi sempre bom, bom sobretudo e antes de tudo, e esta bondade que serviu de cimento à sensatez de Alonso Quixano e à sua morte exemplar, esta mesma bondade serviu de cimento à loucura de D. Quixote e à sua exemplaríssima vida. A raiz da tua loucura de imortalidade, a raiz do teu anseio de viveres pelos séculos dos séculos, a raiz da tua ânsia de não morrer, foi a tua bondade, meu D. Quixote. O bom não se resigna a dissipar-se, porque sente que a sua bondade faz parte de Deus, do Deus que é Deus não dos mortos, mas dos vivos, pois para Ele vivem todos.

à 3.^a edição da *Vida de Don Quijote y Sancho*, Unamuno anota esta discrepância, mas, muito quixotescamente, diz que, tendo consigo o manuscrito de Cide Hamete Benengeli, pode confirmar que a fala é de Sancho e não de Carrasco, como, induzido em erro pelo tradutor, Cervantes escreveu... (N. do T.)





A bondade não teme o infinito nem o eterno; a bondade reconhece que só na alma humana se aperfeiçoa e completa; a bondade sabe que é uma mentira a realização do Bem no processo da espécie. O que importa é ser bom, seja qual for a ilusão de vida. Já o dissera Segismundo (Jornada II, Cena IV):

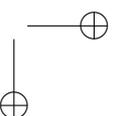
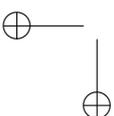
que vou sonhando e que quero
bem fazer, pois não se perde
o fazer bem, mesmo a sonhar.

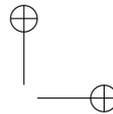
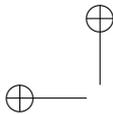
E se a bondade nos eterniza, que gesto mais sensato pode haver do que morrer? «Verdadeiramente morre e verdadeiramente está no seu perfeito juízo Alonso o Bom»; morre para a loucura da vida, desperta do seu sonho.

Fez D. Quixote o testamento e nele a menção a Sancho que este merecia, pois se louco foi o amo ao dar-lhe o governo da ínsula, «agora, que estou em meu perfeito juízo, dar-lhe-ia se pudesse, o de um reino, que assim o merecem a singeleza da sua condição e fidelidade do seu procedimento». E, voltando-se para Sancho, quis quebrantar-lhe a fé e persuadi-lo de que não havia cavaleiros andantes no mundo, ao que Sancho, cheio de fé e perdido de louco, no momento em que o seu amo morria em perfeito juízo, respondeu chorando: «Ai, Vossa Mercê não morra, senhor meu amo! Tome o meu conselho e viva-lhe muitos anos. Olhe que a maior tolice que um homem pode fazer neste mundo é deixar-se morrer, sem mais nem menos!» A maior loucura, Sancho?

E consinto em meu morrer
com vontade prazenteira
clara e pura;
pois homem querer viver
quando Deus já morto o queira
é loucura.

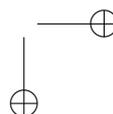
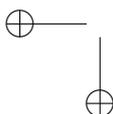
Podia ter-te respondido assim o teu amo, com palavras do Mestre D. Rodrigo Manrique, tais como na sua boca as põe seu filho D. Jorge, o das coplas imortais.

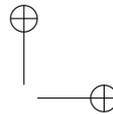
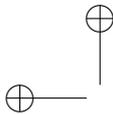




E, depois desta sentença sobre a loucura que é deixar-se morrer, voltou Sancho a repisar o tema, falando a D. Quixote do desencantamento de Dulcineia e dos romances de cavalaria. Oh, heróico Sancho, e como são poucos os que reconhecem que atingiste o auge da loucura no mesmo momento em que o teu amo se despenhava nos abismos da sensatez, e que sobre o seu leito de morte brilhava a tua fé, Sancho, a fé em ti, que não morreste nem hás-de morrer! D. Quixote perdeu a fé e morreu; tu alcançaste-a e vives; era preciso que ele morresse em desengano para que tu possas viver no engano vivificante.

Oh Sancho, e quão melancólica é a tua recordação de Dulcineia, agora que o teu amo se prepara para o transe da morte! Já não é D. Quixote, mas Alonso Quixano o Bom, o tímido fidalgo que passou doze anos a amar, como a luz dos seus olhos, desses olhos que a terra há-de comer, Aldonça Lourenço, a filha de Lourenço Corchuelo e de Aldonça Nogales, a de Toboso. Ao recordar-lhe Sancho, no seu leito de morte, a memória da sua dama, lembra-se da garrida moça cuja vista apenas desfrutou, à socapa, quatro vezes em doze longos anos de reserva e solidão. Vê-la-ia o fidalgo agora casada e rodeada pelos filhos, orgulhosa do seu marido, fazendo com que a vida frutificasse em Toboso? E então, no seu leito de morte de solteiro, terá talvez pensado que podia tê-la atraído a si e nela ter bebido a fonte da vida. E teria morrido sem glória, sem que Dulcineia o chamasse de lá, do céu da loucura, mas sentindo sobre os seus lábios frios os lábios ardentes de Aldonça, rodeado pelos filhos, através dos quais viveria para lá dos tempos. Tê-la ali, no leito em que morrias, bom fidalgo, no qual tantas vezes se teriam confundido numa só as vossas vidas; tê-la ali, com a sua mão na tua, assim te dando com a mão dela o calor que da tua já se escapa, e ver chegar a luz alucinante do último mistério, mistério de trevas, nos seus olhos atónitos e chorosos, fixos nos quais os teus ascenderiam à visão eterna! Morrias sem ter desfrutado do amor, o único amor capaz de vencer a morte. E nesse momento, ao ouvires Sancho a falar de Dulcineia, debes ter revisto no teu coração aqueles doze anos de tortura da tua invencível vergonha. Foi o teu último combate, meu

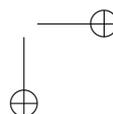
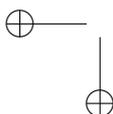


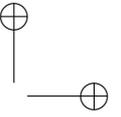


D. Quixote, mas nenhum dos que te rodeavam no teu leito de morte deu por isso.

Acudiu o bacharel em auxílio de Sancho, e ao ouvi-lo disse D. Quixote, com mortal serenidade: «Senhores, mais devagar! O que lá vai, lá vai. Ontem fui louco, hoje estou são de juízo. Fui D. Quixote de la Mancha e sou agora, repito, Alonso Quixano, o Bom. Possam Vossas Mercês perante o meu arrependimento e verdade restituir-me à estima que lhes merecia. . . » Curaste-te, Cavaleiro, para morrer; voltaste a ser Alonso Quixano, o Bom, para morrer. Olha, pobre Alonso Quixano, olha bem para o teu povo e diz-me se não é certo que também ele se há-de curar da sua loucura para morrer. Espezinhado e maltratado, e depois que lá nas Américas acabaram por vencê-lo, regressa à sua aldeia. Para se curar da sua loucura? Quem sabe! Talvez para morrer. Talvez para morrer, se não restasse Sancho, que te há-de tomar o lugar, cheio de fé. Porque a tua fé, Cavaleiro, é em Sancho que hoje está entesourada.

Sancho, que não morreu, é o herdeiro do teu espírito, bom fidalgo, e nós, os teus fiéis, esperamos que Sancho sinta um dia que a alma se lhe expande de quixotismo, que nele florescem as velhas recordações da sua vida de escudeiro, e vá a tua casa e envergue as tuas armaduras, que o ferreiro do lugar há-de fazer que se lhe ajustem ao corpo, e vá buscar Rocinante ao estábulo e nele suba, e sobrace a tua lança, a lança com que deste liberdade aos galeotes e derrubaste o Cavaleiro dos Espelhos, e sem fazer caso dos gritos da tua sobrinha, saia campos fora e volte à vida de aventuras, convertido em cavaleiro andante. E então, meu D. Quixote, então o teu espírito repousará sobre a terra. É Sancho, o teu fiel Sancho, é Sancho o bom, o que enlouqueceu quando tu te curavas da loucura no teu leito de morte, é Sancho o que há-de para sempre fazer triunfar o quixotismo sobre a terra dos homens. Quando o teu fiel Sancho, nobre Cavaleiro, montar no teu Rocinante, envergando as tuas armas e sobraçando a tua lança, hás-de nele ressuscitar e só então se realizará o teu sonho. Dulcineia há-de agarrar-vos aos dois, e apertando-os contra o seu peito, dos dois fará um só.





«Vamos desaparecendo pouco a pouco pois nos ninhos de outrora não há pássaros agora»; dissipou-se o sonho.

E a experiência me ensina
que o homem que vive sonha
o que é, até ao despertar.
Sonha o rei que é rei e vive
Em tal engano mandando,
definindo e governando...
(*La vida es sueño*, II, 19)

Sonhou D. Quixote que era cavaleiro andante até que todas as suas aventuras em cinzas a morte converte — triste sorte! (II, 19)

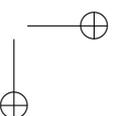
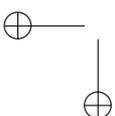
A vida de D. Quixote, o que foi?

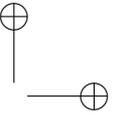
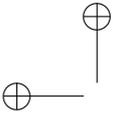
A vida, o que é? Uma ilusão,
uma sombra, só ficção;
e o maior bem é tão pouco;
pois toda a vida é só sonho,
e os sonhos sonhos são...
(II, 19)

«Ai, Vossa Mercê não morra, senhor meu amo! Tome o meu conselho e viva-lhe muitos anos.»

Uma vez mais — Deus me valha! —
quereis que sonhe grandezas
que há-de o tempo desfazer?
Uma vez mais quereis que eu veja
entre sombras e bosquejos
a majestade e a pompa
que o vento há-de varrer?
(III, 3)

«Senhores, vamos desaparecendo pouco a pouco, pois nos ninhos de outrora não há pássaros agora.»



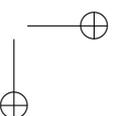
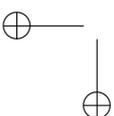


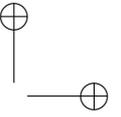
Idos, sombras, que fingis
já a meus sentidos mortos
ser corpo e voz, mas é verdade
que não tendes voz nem corpo;
que não quero majestades
fingidas, e já pompas não desejo
fantásticas ilusões
que ao sopro menos ligeiro
a aura hão-de perder,
como da florida amendoeira
que por lhe brotarem as flores
sem aviso e sem conselho,
ao primeiro sopro se apagam,
esmaecendo e debotando
das corolas tão rosadas
a beleza, a luz, o esplendor.
(III, 3)

Deixai-me dizer com a minha irmã Teresa de Jesus:

A vida que há lá em cima
é que é vida verdadeira;
até que a vida nos morra
não se goza estando viva;
morte, não me sejas esquiva;
vivo antes a morrer,
que morro por não morrer.

«Senhores, vamos desaparecendo pouco a pouco, pois nos ninhos de outrora não há pássaros agora.» Ou, como disse Inácio de Loyola, quando, já moribundo, quis dar ao tempo de ir despertar do sonho da vida um pouco de substância: «Já não há tempo para isso» (Rivade-neira, Livro IV, Capítulo XVI); e morreu Inácio, como havia de morrer, cinquenta anos depois, D. Quixote, singelamente, sem comédia



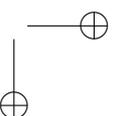
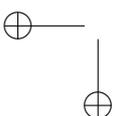


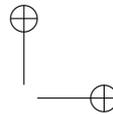
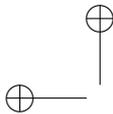
alguma, sem reunir pessoas à volta do seu leito, nem fazer espectáculo com a sua morte, como devem morrer os verdadeiros santos e os verdadeiros heróis, quase como os animais morrem: deitando-se para morrer.

Continuou Alonso Quixano a ditar o testamento e deixou toda a sua fazenda, com tudo o que nela existisse, a Antónia Quixana, sua sobrinha, mas impondo-lhe como obrigação, para poder desfrutar dela, que «se quiser casar, se case com homem de quem primeiro se hão-de tirar informações e se verifique que não sabe o que são livros de cavalaria. Desde que se venha a apurar que sabe e, não obstante, minha sobrinha queira casar-se com ele e se case, perca tudo quanto lhe deixei e os meus testamenteiros poderão aplicar em obras pias segundo o seu alvedrio».

E que bem calava D. Quixote que entre o ofício de marido e o de cavaleiro andante há mútua e fortíssima incompatibilidade! E ao ditar isto, não estaria acaso a pensar na sua Aldonça, pois que se tivesse conseguido quebrar o selo que guardava o seu demasiado amor bem poderia ter evitado as desditas cavaleirescas, aprisionado junto à lareira do lar nos braços dela?

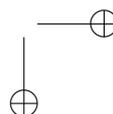
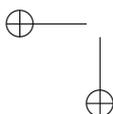
Cumpre-se o teu testamento, D. Quixote, e os moços desta tua pátria renunciam às cavalaria para poder desfrutar da fazenda das tuas sobrinhas, que são quase todas as espanholas, ao mesmo tempo que desfrutam das próprias sobrinhas. Nos braços delas se afoga o heroísmo deles. Tremem só de pensar que aos noivos e maridos pode dar a veneta que deu ao tio. É a tua sobrinha, D. Quixote, é a tua sobrinha quem hoje reina e governa a Espanha; é a tua sobrinha e não o teu Sancho. É a medrosa, caseira e envergonhada Antónia Quixana, a que temia que te desse para ser poeta, «doença incurável e contagiosa» a que com tanto zelo ajudou o cura e o barbeiro a queimar os teus livros; a que aconselhava que não te metesses em pendências nem fosses pelo mundo fora à procura do pão que o diabo amassou; a que se atreveu a sustentar, nas tuas barbas, que essas histórias de cavaleiros andantes são fábula e treta, atrevimento de donzela que te obrigou a exclamar:

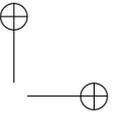




«Juro-te, rapariga, pelo Deus que nos está a ouvir que, se não fosses minha sobrinha direita, filha de minha irmã, havia de dar te uma lição pela blasfémia que acabas de deitar pela boca fora, que te ficava de emenda para toda a vida»; a «fedelha, que não sabe mais que mover os bilros», e no entanto se atrevia a abrir a boca para falar das histórias dos cavaleiros andantes e para censurá-las; é esta que manipula a seu bel-prazer, como se fossem fantoches, os filhos da tua Espanha. Não, não é Dulcineia de Toboso; nem sequer Aldonça Lourenço, pela qual o Cavaleiro suspira durante doze anos, tendo-a visto apenas quatro vezes e não chegando sequer a confessar-lhe o seu amor; é Antónia Quixana, a que mal sabe mover os bilros, mas que manobra os homens de hoje na tua pátria.

É Antónia Quixana que, por mesquinhez de espírito, por crer que seu marido é pobre, o retém e impede que ele se lance a heróicas aventuras, nas quais poderia alcançar renome e fama. Se ao menos fosse Dulcineia... Dulcineia, sim: por estranho que vos pareça. Dulcineia pode levar quem quer que seja a renunciar à glória, a entregar-se à glória de renunciar a ela. Dulcineia, ou, melhor dizendo, Aldonça. Aldonça, a ideal, pode dizer-lhe: «Vem, vem a meus braços e afoga em lágrimas no meu peito as tuas ânsias; já vejo, já vejo para ti um alto lugar nos séculos dos homens, um pináculo sobre o qual poderás ser contemplado por todos os teus irmãos; vejo-te aclamado pelas suas gerações, mas vem ter comigo, por mim renuncia a tudo isso; serás assim maior, meu Alonso, serás ainda maior. Toma a minha boca inteira e enche-a de calorosos beijos no teu silêncio, e renuncia a que a frio ande o teu nome nas bocas dos que nunca hás-de conhecer. Depois de morto, poderás ouvir o que de ti disserem? Sepulta no meu peito todo o teu amor, já que, se é grande, é melhor que o sepultes em mim do que andar a espalhá-lo entre os homens passageiros e levianos! Não merecem admirar-te, Alonso, não merecem admirar-te. Serás todo para mim e assim hás-de ser melhor para o Universo inteiro e para Deus. Talvez pareça que assim se perdem o teu poder e o teu heroísmo, mas não te importes; conheces, por acaso, o eflúvio imenso de vida que, sem que



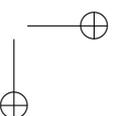
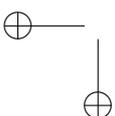


ninguém o note, se desprende de um amor heróico e silente e se estende depois, para lá dos homens todos, até aos confins das últimas estrelas? Conheces a misteriosa energia, que irradia todo um povo e as suas gerações futuras até à consumação dos séculos, de um casal feliz onde repousa um amor triunfante e silencioso? Sabes o que é conservar o fogo sagrado da vida e atear-lo ainda mais através de um culto discreto e reservado? O amor, só por amor, sem mais nada, cumpre uma missão heróica. Vem e renuncia à acção nos meus braços, que este teu repouso e desaparecimento entre eles serão fonte de acção e claridade para os que nunca hão-de saber o teu nome. Quando até o eco do teu nome se tiver dissipado no ar, por este se dissipar, há-de o rescaldo do teu amor continuar a aquecer as ruínas das nossas cidades. Vem e entregate a mim, Alonso, que ainda que não vás pelos caminhos a endireitar o mundo, a tua grandeza não há-de perder-se, pois no meu seio nada se perde. Vem, e eu te levarei do repouso do meu regaço ao repouso final e interminável».

Assim poderia falar Aldonça, e grande seria Alonso se nos seus braços renunciasse à glória; mas tu, Antónia, tu não sabes falar assim. Tu não crês que o amor valha mais que a glória; tu crês que nem o amor nem a glória valem tanto quanto o entorpecente sossego do lar, que nem o amor nem a glória valem a segurança do grão-de-bico, tu crês que não é por muito madrugar que amanhece mais cedo, e não sabes que o amor, tal como a glória, não dorme, mas vela.

Acabou D. Quixote de fazer o testamento, recebeu os sacramentos, renegou de novo os romances de cavalaria, e «entre lamentos e lágrimas» entregou o espírito; «quero dizer que morreu», acrescenta o historiador.

«Entregou o espírito!» E a quem o entregou? Onde está hoje? Onde sonha? Onde vive? Qual é o abismo de sensatez para onde vão descansar as almas curadas do sonho que é a vida, da loucura de não morrer? Oh Deus meu! Tu, que deste vida e espírito a D. Quixote na vida e no espírito do seu povo; Tu, que inspiraste a Cervantes essa epopeia profundamente cristã; Tu, Deus do meu sonho, onde acolhes os espíritos





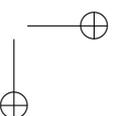
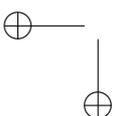
dos que atravessamos este sonho que é a vida tocados pela loucura de viver pelos séculos dos séculos! Deste-nos a ânsia de renome e fama, como sombra da tua glória; o mundo há-de passar; e nós, meu Deus, estamos condenados a passar também?

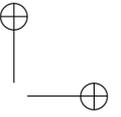
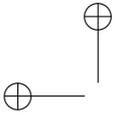
A vida é sonho! Será também sonho, meu Deus, este teu Universo, de que és a Consciência eterna e infinita? Será um sonho teu? Será que nos estás sonhando? Seremos sonho, sonho teu, nós, os sonhadores da vida? E, se assim for, que será do Universo inteiro, que será de nós, que será de mim, quando Tu, Deus da minha vida, despertares do sonho? Sonha-nos, Senhor! E será possível que despertes para os bons quando eles despertam para a morte do sonho que é a vida? Poderemos nós, pobres sonhos sonhadores, sonhar o que é a vigília do homem na tua eterna vigília, Deus nosso? Não será a bondade resplendor de vigília nas obscuridades do sonho? Melhor que interrogar o teu sonho e o nosso sonho, esquadrinhando o Universo e a vida, mil vezes melhor é fazer o bem,

pois não se perde
o fazer bem, mesmo a sonhar.

Melhor que investigar se são moinhos ou gigantes os que se nos mostram adversos, é seguir a voz do coração e arremeter contra eles, porque toda a arremetida generosa extravasa do sonho que é a vida. Sabedoria havemos de extrair dos nossos actos, que não das nossas contemplações. Sonha-nos, Deus do nosso sonho!

Conserva a Sancho o seu sonho, a sua fé, meu Deus, e que acredite na sua vida imorredoura e que sonhe ser pastor nesses infinitos campos do Teu seio, cantando sem fim à vida interminável, que és Tu mesmo; conserva-lha, Deus da minha Espanha! E vê bem, Senhor, que no dia em que o teu servo Sancho se curar da sua loucura, há-de morrer, e ao morrer com ele há-de morrer a sua Espanha, a Tua Espanha, Senhor. Criaste este teu povo, o povo dos teus servos D. Quixote e Sancho, sobre a fé na imortalidade pessoal; e vê, Senhor, que é essa a nossa razão de vida e é nosso destino entre os povos fazer com que essa nossa





verdade do coração ilumine as mentes contra as trevas da lógica e do raciocínio e console os corações dos condenados ao sonho da vida, porque

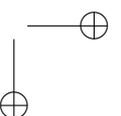
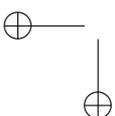
assim o viver nos mata
e a morte volta a dar-nos vida.

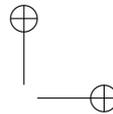
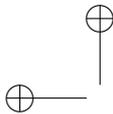
Acrescenta o historiador que o cura pediu ao escrivão que lhe certificasse em «como Alonso Quixano, o Bom, chamado vulgarmente D. Quixote de la Mancha, passara da vida presente, de morte natural; e que pedia esse atestado para evitar que qualquer outro autor tirasse pretexto para o despertar cavilosamente», e mais adiante diz que ele jaz na cova «estendido ao comprido, impossibilitado de fazer uma terceira jornada e nova surtida».

Mas acreditais verdadeiramente que D. Quixote não há-de ressuscitar? Há quem creia que ele não morreu; que morto, e bem morto, está Cervantes, que o quis matar, e não D. Quixote. Há quem creia que ressuscitou ao terceiro dia, e que voltará à terra em carne e osso para voltar a fazer das suas. E há-de voltar quando Sancho, atormentado pelas recordações, sentir ferver o sangue que acumulou nas suas andanças de escudeiro, e decidir montar em Rocinante, e envergando as armas do seu amo, sobrace a lança e se deite ao caminho a fazer de D. Quixote. E o seu amo virá então e nele há-de encarnar. Ânimo, Sancho heróico, e aviva essa fé que acendeu em ti o teu amo e que tanto te custou atizar e afirmar, ânimo!

E não se conta de milagres que tenha feito depois de morto, ao contrário do Cid que ganhou a batalha sendo já cadáver, e deste se conta também que estando morto e querendo um judeu tocar-lhe a barba, que em vida ninguém ousara tocar

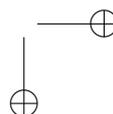
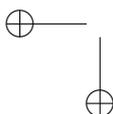
Antes que à barba chegasse, o bom Cid tinha empunhado
a sua espada Tiçona, e de um palmo a tinha sacado.
O judeu que isso viu, deteve-se apavorado;
estendido caiu, de costas, mortificado de horror.

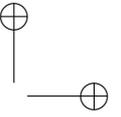




Não tenho notícia de que D. Quixote tenha ganho alguma batalha depois de morto, mas sei que há muitos judeus que ousam tocar-lhe na barba. De D. Quixote não há notícia de milagres depois de morto, mas não chegam os que fez em vida, e não é perpétuo milagre a sua carreira de aventuras? Tanto mais que, como recordava o Padre Rivadeneira no capítulo final da sua tantas vezes citada obra, ao falar-nos dos milagres que Deus obrou por Santo Inácio, entre os homens não se conhecia, no dizer do Evangelho, outro maior que S. João Baptista, e mesmo desse diz o Evangelho que não fez milagre nenhum. E se o piedoso biógrafo de Loyola tem como maior milagre deste a fundação da Companhia de Jesus, não havemos nós de tomar como milagre maior de D. Quixote o de ter feito escrever a sua história a um homem que, como Cervantes, nos demais trabalhos mostrou a debilidade do seu engenho, e quão abaixo estava, na ordem natural das coisas, do que se requeria para contar as façanhas do Engenhoso Fidalgo, da maneira que as contou?

Não há dúvida de que em *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, composto por Miguel de Cervantes Saavedra, este se mostrou muito acima daquilo que podíamos esperar dele, tendo em vista as suas outras obras; ultrapassou-se largamente a si próprio. Pelo que é de crer que o historiador árabe Cide Hamete Benengeli não é um simples recurso literário, mas que encobre uma profunda verdade, a de que a história terá sido ditada a Cervantes por outro que estava dentro de si, o qual nem antes nem depois de ela ter sido escrita se voltou a manifestar: um espírito que habitava nas profundezas da sua alma. E esta imensa distância que existe entre a história do nosso Cavaleiro e todas as outras obras que Cervantes escreveu, este evidente e esplêndido milagre, é a razão principal — se razões fossem precisas, o que não é o caso, porque as razões são sempre insuficientes — para crermos e confessarmos que a história foi real e verdadeira, e que o próprio D. Quixote, envolto na capa de Cide Hamete Benengeli, a ditou a Cervantes. E até chego a suspeitar que, enquanto estive a explicar e a comentar esta vida, recebi a visita secreta de D. Quixote e Sancho, os quais, ainda que sem eu o saber, me desdobraram e revelaram as entretelas dos seus corações.





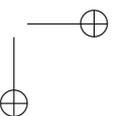
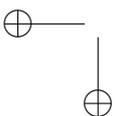
E devo aqui acrescentar que muitas vezes tomamos um escritor por pessoa real e verdadeira e histórica, por vê-lo de carne e osso, e às figuras que finge nas suas ficções tomamo-los como mera fantasia, e sucede, ao invés, que estas figuras é que existem e são reais, servindo-se daquele que nos parece de carne e osso para assumirem ser e presença entre os homens. E quando todos despertarmos do sonho da vida, a este respeito se hão-de ver coisas estranhíssimas e hão-de espantar-se os sábios ao ver o que é a verdade e o que é a mentira, e quão errados andávamos ao pensar que essa ninharia a que chamamos lógica tem algum valor fora deste miserável mundo em que nos têm aprisionados o tempo e o espaço, tiranos do espírito.

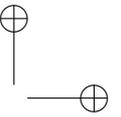
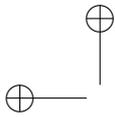
Coisas muito estranhas conheceremos então, no que respeita à vida e à morte, e então se verá o profundo sentido que ganha a primeira parte do epitáfio, que Sansão Carrasco mandou inscrever na sepultura de D. Quixote, e que diz:

«Aqui jaz o fidalgo forte
que a tais extremos chegou,
invencível no seu porte,
que a morte não triunfou
de tal vida com a morte.
Foi grande a sua bravura
e, na final conjuntura,
tendo o mundo todo em pouco,
morrer cordo e viver louco
foi sua rara ventura.»

E assim é, pois D. Quixote é, mercê da sua morte, imortal; a morte é que nos torna imortais.

Nada passa, nada se dissipa, nada se reduz a nada; eternizam-se a mais pequena partícula de matéria e a mais débil manifestação de força, e não há visão, por fugidia que seja, que não fique para sempre reflectida em algum sítio. Como se ao passar por um ponto, no infinito das trevas, se incendiasse e brilhasse tudo o que por ali passa, assim



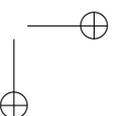
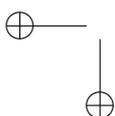


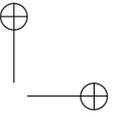
brilha também o momento na nossa consciência do presente, quando passa do insondável do futuro para o insondável do passado. Não há visão, nem coisa, nem momento dela que não desça às profundezas eternas de onde saiu e por ali se fique. Sonho é este súbito e passageiro entendimento da substância tenebrosa, sonho é a vida, e apagado o fulgor passageiro, desce o seu reflexo ao mais fundo das trevas, e ali fica, e ali persiste, até que uma sacudidela suprema o reacenda, um dia. Porque a morte não triunfa sobre a vida como a vida sobre a vida. Morte e vida são termos mesquinhos de que nos valem nesta prisão do tempo e do espaço; têm ambas uma raiz comum e as origens desta raiz mergulham na eternidade do infinito: em Deus, Consciência do Universo.

Ao acabar a história, pousou o historiador a pena e disse-lhe: «Ficaste para aí a um canto, ó pena minha não sei se bem se mal aparada; ficaste aí, mas bem viva na memória dos séculos, se presunçosos e velhacos historiadores não pegarem de ti para te profanar.»

Livre-me Deus de me pôr a contar sucessos que ao rigorosíssimo historiador de D. Quixote tivessem escapado; nunca me tive por erudito nem me pus a esquadrihar os arquivos cavaleirescos da Mancha. Eu só quis explicar e comentar a sua vida.

«Para mim só é que nasceu D. Quixote, como eu nasci fadado para ele só. Ele soube obrar, eu escrever», põe o historiador na boca da sua pena. E eu digo que para que Cervantes contasse a sua vida, e eu a explicasse e comentasse, nasceram D. Quixote e Sancho; Cervantes nasceu para contá-la e eu para explicá-la e comentá-la... A tua vida, meu senhor D. Quixote, só pode contá-la, e explicá-la, e comentá-la, quem está como tu tocado pela loucura de não querer morrer. Intercede, pois, em meu favor, meu senhor e mestre, para que a tua Dulcineia de Toboso, já desencantada graças aos açoites que a si mesmo se deu o teu Sancho, me leve pela mão à imortalidade do nome e da fama. E se é a vida sonho, deixa-me sonhá-la interminável!





A reinar, fortuna, vamos
e não me despertes se sonho.
(*La vida es sueño*, II, 4)

kai machómen kat' ém' m'autón egó
(*Ilíada*, Canto I, 271) ⁵

⁵ Da frase em grego com que Miguel de Unamuno remata esta *Vida de D. Quixote e Sancho* não foi dada tradução pelo autor, nem pelos numerosos editores das diversas publicações da obra. Nem sequer as *Obras Completas*, preparadas por Manuel García Blanco (Madrid, 1966), referem o sentido da expressão. Devo a Manuel Maria Barreiros a contextualização da mesma: trata-se do verso 271 do Canto I da *Ilíada*, mas a transcrição por Unamuno contém dois erros, o que deve ter dificultado a sua identificação. Na tradução de Frederico Lourenço (Cotovia, 2005, a frase significa: «E combati por minha conta e risco». (N. do T.)

